

CARLOS MARANHÃO

Roberto Civita: O dono da banca

A vida e as ideias do editor da Veja e da Abril

Copyright © 2016 by Carlos Maranhão

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Capa

Alceu Chiesorin Nunes

Foto de capa

Jorge Rosenberg/ Abril Comunicações S.A.

Preparação

Cacilda Guerra

Índice remissivo

Luciano Marchiori

Revisão

Angela das Neves

Clara Diamant

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Maranhão, Carlos

Roberto Civita : o dono da banca — A vida e as ideias do editor da *Veja* e da *Abril*. — 1ª ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2016.

ISBN 978-85-359-2802-0

1. Editores e indústria editorial 2. Empresários – Bibliografia 3. Grupo Abril 4. Mercado editorial – Brasil 5. Revista *Veja*
1. Título.

16-06804

CDD-381.177092

Índice para catálogo sistemático:

1. Empresários : Biografia 381.177092

[2016]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

facebook.com/companhiadasletras

instagram.com/companhiadasletras

twitter.com/ciadasletras

Sumário

PARTE I — A ÁRVORE DESFOLHADA I

22 de maio de 2013	13
10 de fevereiro de 2013	20

PARTE II — A ÁRVORE GERMINADA

19 de fevereiro de 1950	31
10 de outubro de 1935	38
7 de dezembro de 1947	45
12 de junho de 1950	52
17 de junho de 1953	60
1º de outubro de 1958	68
24 de agosto de 1960	78
Outubro de 1961	86
26 de março de 1962	95

PARTE III — A ÁRVORE FRUTIFICADA

18 de maio de 1965	103
Natal de 1965	116
12 de abril de 1966	123
Réveillon de 1966	134

1º de outubro de 1968	147
9 de janeiro de 1968	156
8 de setembro de 1968	162
13 de dezembro de 1968	178
16 de dezembro de 1968	186
1º de outubro de 1972	197
3 de junho de 1976	204
Outubro de 1973	211
22 de dezembro de 1984	221
9 de fevereiro de 1976	229
9 de março de 1988	241
26 de fevereiro de 1980	249
19 de julho de 1980	261
24 de agosto de 1978	271
2 de fevereiro de 1983	283
24 de agosto de 1990	297
11 de setembro de 1985	303
29 de setembro de 1992	309
7 de maio de 1994	320
9 de junho de 1991	331
25 de agosto de 1999	342
1º de dezembro de 1997	354
9 de agosto de 1996	365
4 de outubro de 2001	373
9 de outubro de 2001	383
4 de maio de 2006	400
Carnaval de 2004	407
28 de outubro de 2008	423
4 de fevereiro de 2013	436

PARTE IV — A ÁRVORE DESFOLHADA II

26 de maio de 2013	445
8 de fevereiro de 2013	455

Epílogo — 27 de maio de 2013	458
------------------------------------	-----

<i>Notas</i>	463
<i>Posfácio</i>	491
<i>Fontes</i>	495
<i>Créditos das imagens</i>	502
<i>Índice remissivo</i>	504

PARTE I
A ÁRVORE DESFOLHADA I

22 de maio de 2013

Com o pai inconsciente, Roberta Anamaria fechou os olhos e concentrou-se para tentar reencontrá-lo lúcido e saudável. Por um pressentimento tão forte quanto inexplicável, intuiu que ele precisava lhe fazer uma pergunta. Não naquele lugar asséptico e frio onde estava havia mais de três meses, já sem conseguir se comunicar com ninguém, mas em Nova York, cidade que tanto adorava e na qual passara parte da infância, a juventude e o início da vida adulta. Ela teria que projetar sua imaginação para lá. Quantas e quantas boas conversas não haviam tido nos cenários que ambos conheciam tão bem? Perdera a conta. Como em tantas outras vezes, viu-se ao seu lado em um almoço no Harry Cipriani.

Refinado e com boa cozinha italiana, o restaurante funcionava dentro do Hotel The Sherry-Netherland, no número 781 da Quinta Avenida, em frente ao Central Park. Na visão da filha, lá estava ele, sorridente, de cashmere bege de gola rulê, blazer azul-marinho com botões prateados e calça cinza, figurino que normalmente escolhia na meia-estação americana quando não tinha compromissos de trabalho. Pediu *cotoletta alla milanese* e risoto ao açafrão. Ela acompanhou a escolha. Na carta de vinhos, optaram por um Chianti Classico. Comeram, beberam e conversaram sem pressa. Nenhum dos dois demonstrava urgência em entrar no assunto que os colocara frente a frente.

Depois da sobremesa habitual que dividiram — um zabaione, creme preparado com gemas, açúcar e vinho Marsala —, ele baixou um pouco a cabeça e finalmente indagou:

— Pooh... — disse. — *Pooh, am I dying?*

Ela segurou uma de suas mãos e a acariciou.

— Dé... — hesitou por um instante.

Tratavam-se com o nome abreviado do Winnie-the-Pooh, conhecido pelas crianças brasileiras como o Ursinho Pooh, e por uma forma aportuguesada de Dad, papai.

— Dé, você é um homem maravilhoso. Fez tudo o que quis na vida, realizou todos os seus sonhos profissionais e teve muitas mulheres. As pessoas não vão esquecê-lo. Mas, sim, você está morrendo.

Calado, as grandes mãos apertando as da filha, ele — que se considerava ora agnóstico, ora ateu — ainda a ouviu falar com suavidade:

— *And God exists, Dé.*

Deus existe? Sem a reação habitual — pois invariavelmente tinha resposta para tudo —, dessa vez nada comentou. Com um pequeno gesto, limitou-se a dar a entender que havia compreendido.

Aos 76 anos, o editor e empresário Roberto Civita estava se apagando lentamente. Como lhe afirmou a filha naquela imagem de despedida, ele realizara seus sonhos no trabalho e na vida pessoal. Ao menos a grande maioria deles. Ajudara Victor Civita, o “seu Victor”, para ele simplesmente vc, do qual era o primogênito e seria o sucessor, a transformar a Abril na maior e mais importante editora de revistas da América Latina. Desde a morte do pai, em 1990, havia se tornado o número 1 da empresa, acertando, errando, surpreendendo, desafiando, contemporizando, atraindo admiradores, desafetos, gente leal, oportunistas. E perguntando, perguntando sem parar, em busca de explicações para suas dúvidas e angústias, com uma curiosidade infundável a respeito de qualquer assunto.

Muito tempo antes, participara do lançamento da *Quatro Rodas*, o primeiro produto jornalístico da casa (detestava a palavra “produto”). Dirigira a redação da revista *Realidade*, que nos anos 1960 causou uma revolução na imprensa nacional e, apesar de ter deixado de circular, seria uma marca indelével no universo editorial (odiava a palavra “marca”). Pouco antes, embora a princípio rejeitasse a ideia, engajara-se com entusiasmo em um projeto que

levou a editora a ser conhecida no Brasil inteiro. Além de oferecer informação, conhecimento e entretenimento para milhões de leitores — objetivo com o qual a empresa iria sintetizar sua missão —, esse projeto, mais do que qualquer outro até ali, enriqueceu a Abril. O nome dele, no início, era tão desconhecido que precisava ser explicado mesmo para os diretores da casa, que dirá para os funcionários, para o mercado e para os potenciais leitores: fascículos. Graças ao seu estrondoso sucesso e aos fabulosos lucros que a novidade proporcionou, Roberto e a Abril tiveram condições de mergulhar na maior, mais arriscada e mais bem-sucedida aventura de sua história: a revista *Veja*.

Mais do que os três filhos, os seis netos, as três esposas, as namoradas e as amantes, ou os outros 51 títulos publicados regularmente pela editora por ocasião de sua saída de cena, sem contar dezenas que ficaram pelo caminho, a entrada no universo digital, os investimentos na área da educação, a descoberta e a formação de talentos, para não falar das incursões no mundo da televisão que por um triz não o levaram a quebrar — sim, mais do que tudo isso foi a revista *Veja*, durante 45 anos e cerca de 2300 edições, a suprema paixão e sua razão de ser.

Orgulhava-se de ter lido, anotado e avaliado cada uma delas, da capa à última página. Ao receber o primeiro exemplar saído da gráfica, ele o segurava firme para avaliar o peso — quanto mais publicidade tinha, mais grosso ficava — e dava uma folheada inicial. Os olhos se detinham inicialmente nos anúncios e na apresentação das matérias. Não disfarçava a satisfação de proprietário quando percebia, de relance, que a escolha de determinados assuntos e as angulações tinham seguido sua orientação e irritava-se caso flagrasse logo de cara qualquer erro. Ou se saía algo que não gostaria de ter visto publicado. Em seguida, empunhando a caneta, começava a ler, e a rabiscar se achasse necessário, os títulos, os subtítulos, as legendas das fotos e linha por linha dos textos. Perfeccionista, não permitia que nada lhe escapasse. Colocava pontos de exclamação e interrogação, circulava palavras, sublinhava frases e conferia números, em busca às vezes de pelo em ovo e na maioria dos casos de equívocos relevantes. O que queria era que as falhas não se repetissem, os acertos fossem reconhecidos — e que os responsáveis por ambos soubessem que quem engordava o boi era o olho do dono. Considerava a *Veja* a sua criatura, com a qual se envolveu inteiramente a partir da longa gestação, como se referia à fase que antecedeu o nascimento no distante setembro de 1968. Dizia — e parecia falar sério — que, com ela, brincava de Deus.

Bob, Rob, Robbie, Robert, Robertão, Roberto, dr. Roberto, ou simplesmente RC, era um homem alto, com uma invencível barriga que o incomodava. Desde a adolescência, usava óculos de modelo um tanto avantajado. Os cabelos começaram a cair a partir dos quarenta anos. Incomodava-se com a calvície, que tentava combater com o uso diário de um xampu que mandava preparar em uma farmácia de manipulação. Durante a semana, saía com um guarda-roupa inconfundível: terno escuro de dois botões, gravatas de cores vivas e camisas listradas ou azuis com colarinho branco e abotoaduras nos punhos que encomendava sob medida no ateliê da Turnbull & Asser, na Jermyn Street, rua de Londres que concentra lojas caras de moda masculina clássica. Gostava de calçar mocassins Gucci, número 43. No estilo, podia ser considerado mais um homem formal do que propriamente elegante.

Era um workaholic. Dizia, porém, que não trabalhava. “Eu me divirto”, afirmava. De certa forma, tinha razão. Exceto nas reuniões de orçamento — para ele, enfadonhas — das quais se via obrigado a participar, evitava demonstrar mau humor ou cansaço. Sem procurar esconder os dentes encavalados, amarelecidos por fumar cachimbo compulsivamente durante mais de cinquenta anos, abria o sorriso em qualquer encontro por cortesia e temperamento. Mas a atitude podia mudar de imediato. Impaciente, esperava que o interlocutor prendesse sua atenção na abertura da exposição ou da conversa. Do contrário, interrompia na hora. “Espera, espera...”, cortava. “O que eu quero saber é...” Ou fazia a pergunta direta: “*What’s the story?*”. Qual é a história? Nas apresentações que lhe preparavam em PowerPoint, determinava que fossem interrompidas no segundo ou terceiro quadro caso o tema não ficasse claro de imediato. Volta e meia, mandava refazer tudo. Não admitia que o texto projetado na tela aparecesse com qualquer cochilo de grafia, gramática ou algarismo.

Nunca se desligava. Nem no almoço, com convidados de fora, nem nos jantares ou em reuniões sociais e encontros familiares. Com uma Montblanc bordô, tomava nota das palavras-chave do que ouvia em folhas de papel guardadas em um bolso interno do paletó ou em bloquinhos que ficavam em cima da sua enorme mesa de trabalho. No escritório, uma secretária digitava as anotações no computador. Cada conversa ou reunião, fosse profissional ou pessoal, se transformava numa ficha. Acumulou cerca de 5 mil arquivos sobre seus encontros.

Durante décadas, em seu apartamento de 750 metros quadrados no bairro paulistano do Jardim Europa, com vista para os quatro cantos da cidade, nos endereços anteriores, na casa de praia e no sítio próximo a São Paulo, tinha um dicionário impresso à mão e gastava a maior parte dos fins de semana lendo revistas e jornais. Depois de esquadrinhar a edição da *Veja*, examinava diversas publicações da editora, cujas páginas arrancava e mandava para os respectivos diretores com observações, críticas e elogios. Enviava cópias de artigos que julgava relevantes, bilhetes manuscritos e e-mails breves, revisados palavra por palavra, com sugestões de matérias ou providências, na maioria interpretadas pelos destinatários como ordens transmitidas de maneira polida — e obedecidas com rapidez.

Carregava convicções inabaláveis. Era um defensor do capitalismo (preferia a expressão “livre-iniciativa”), da democracia representativa, da liberdade de expressão, do livre-comércio e do liberalismo econômico. Combatia a presença do Estado na economia e na vida dos cidadãos, a burocracia, os excessos na regulamentação, qualquer tipo de censura, os regimes autoritários, o socialismo, o comunismo, a esquerda e o Partido dos Trabalhadores (PT). Mas não gostava de julgamentos e procurava evitar o confronto. No campo do comportamento, sua postura era absolutamente liberal. Rejeitava qualquer tabu. Falava abertamente de sexo, inclusive com os filhos mal saídos da infância, não se distanciava das ex-mulheres nem de antigos envolvimento e defendia o aborto. Podia contar piadas grosseiras na presença de senhoras e gabar-se de proezas eróticas. Educado na religião católica desde a conversão dos pais, dizia que deixara de crer em Deus no dia em que, revoltado, descobriu que eles lhe haviam escondido a origem judaica. No entanto, sentia-se de certo modo culturalmente judeu e, em determinados momentos da vida, foi aconselhar-se com rabinos. Temia a solidão e precisava ter sempre uma mulher ao seu lado. Mas nunca se viu sozinho ou desacompanhado. Não sabia mentir e normalmente engolia de boa-fé o que lhe diziam de forma persuasiva.

Como editor, pregava suas ideias com a convicção de um evangelista. Entendia que o desafio dos jornalistas era tornar interessantes os assuntos importantes e repetiu infatigavelmente que a Abril só tinha compromissos com o leitor e o país, não com governos, anunciantes ou amigos. Assim, seguindo o que assimilou na biografia de uma das personalidades que mais venerava, o americano Henry Luce, que em 1923 fundou a *Time* com Briton Hadden, pio-

neira entre os semanários de informação, modelo da *Veja*, suas revistas deveriam manter uma rígida separação entre Igreja e Estado. Ou seja, o editorial e o comercial. Empenhou-se para que essa lei fosse cumprida, o que geralmente acontecia. Defendeu a vida inteira, com ardor e convicção, um princípio que considerava inegociável: a liberdade de expressão.

Era um homem de grande cultura. Ele a adquiriu não só em sua formação escolar e universitária, destacando-se quase sempre como o primeiro ou segundo aluno da classe em instituições de ponta no Brasil e nos Estados Unidos, mas também por leituras que pareciam infindáveis. Dos cerca de 5 mil livros que tinha em casa e no escritório, é possível afirmar que leu a maioria. Estão em grande parte repletos de anotações e passagens sublinhadas. Seu interesse era diversificado e surpreendente. Tinha uma vasta quantidade de obras sobre política, economia, imprensa (só os que foram catalogados com essa classificação somavam 2104 volumes, na quase totalidade com sinais de manuseio), história, filosofia, linguística, psicologia, literatura, biografias (dezenas de Winston Churchill, uma de suas principais referências), teatro, música, religião (em especial o judaísmo), física, gastronomia, vinhos... Dicionários de todos os tipos, a começar pelos vinte tomos do *Oxford English Dictionary*, com suas 600 mil palavras, ao qual recorria regularmente desde o período universitário. E estantes de Shakespeare, um de seus autores favoritos e de quem declamava de cor extensos diálogos de *Júlio César*, *Romeu e Julieta*, *Macbeth* e outras peças. O último livro que terminou de ler, em um fim de semana no litoral norte de São Paulo, foi uma tradução inglesa de *Meditações*, do imperador romano Marco Aurélio. Marcou 58 trechos. Um deles: “Se não é certo, não faça. Se não é verdade, não diga”.

Foi uma pessoa poderosa. Ajudou a derrubar um presidente e conheceu a maior parte dos principais protagonistas da vida política e econômica do Brasil dos últimos quarenta anos. Acreditava que a educação deveria ser uma prioridade nacional e investiu nela tanto por convicção como por negócio. Na Abril Educação, chegou a ter uma rede de cursos de idiomas e de pré-vestibular. Engajou-se na Fundação Victor Civita, aberta pelo pai com o objetivo de contribuir na formação de professores, e criou cursos de aperfeiçoamento para jornalistas.

Para se entreter, quando não estava lendo, viajava, cozinhava, ia ao teatro, via filmes em casa e assistia a concertos (muitas vezes ia embora no intervalo).

Quase nunca, entretanto, relaxava por completo. Naquela tarde de maio, em coma, já não tinha consciência de que quebrara sua rotina de trabalho pela última vez cerca de três meses antes. Foi uma das derradeiras decisões que tomou antes de se internar no Hospital Sírio-Libanês: ver no Rio de Janeiro o desfile de Carnaval. Perguntou se a filha não queria ir junto. Ela tinha um segundo convite, feito pelos dois irmãos mais velhos, para passar aqueles dias em Trancoso, no litoral da Bahia, mas não era por isso que recusava a sugestão. Deu uma desculpa para permanecer em São Paulo, pois achava por intuição que o pai precisaria muito dela, como em internações anteriores, e seria melhor evitar qualquer uma das duas viagens.

Ela guardaria na memória a premonição e, com nitidez, a cena que vislumbrou do final do almoço. Foi o momento em que se viu levantando-se ao mesmo tempo que ele da mesa do restaurante coberta por uma toalha branca, ao lado de uma das janelas. Esperaram que um porteiro com uniforme azul abrisse a pesada porta lateral, ganharam a calçada e atravessaram a rua de mãos dadas. Então ele se soltou dela, entrou em passos lentos no Central Park, fez meia-volta, abriu os braços, lhe dirigiu um olhar e seu vulto desapareceu entre as árvores. Muitas coisas iriam embora junto com ele.

10 de fevereiro de 2013

O enredo da Acadêmicos do Salgueiro naquele Carnaval carioca era sobre o mundo das celebridades. “Vida de celebridade é um vai e vem”, dizia a letra da música puxada no sambódromo da avenida Marquês de Sapucaí por Quinho, Serginho do Porto, Leonardo Bessa e Xande de Pilares. “Tá na capa da revista, o meu pavilhão/ E na cara dessa gente, o orgulho, a emoção.” Como sugeriam esses versos, o desfile da escola de samba vermelha e branca tinha o patrocínio da *Caras*.

Apesar disso, o argentino Jorge Fontevecchia não estava pensando em assisti-lo ao vivo. O natural seria que ele fosse, como criador e acionista majoritário do semanário especializado em publicar reportagens normalmente autorizadas a respeito de namoros, noivados, casamentos, separações, viagens, festas, fofocas, residências e tragédias de gente famosa, ou mais ou menos famosa, sobretudo figuras da televisão, atores, cantores, modelos, estilistas, esportistas, certos políticos e endinheirados que gostam de aparecer. Enfim, aquelas pessoas que a partir dos anos 1990 passaram a ser chamadas justamente de celebridades. Não lhe custaria nada ir. Havia à sua espera o camarote da própria revista, com bufê farto, boas bebidas, garçons, recepcionistas e presenças confirmadas como a da apresentadora Xuxa. Além disso, ele já estava por perto. Separado da mulher, havia deci-

dido tirar uns dias de férias, ao lado da namorada e de dois de seus três filhos, em um iate alugado que ficaria navegando ao largo da baía de Angra dos Reis, no litoral fluminense.

Fontevécchia, porém, não tinha qualquer espírito carnavalesco. Era um homem de 57 anos obcecado pelo trabalho. Com a *Caras*, que via como um produto editorial de entretenimento, ganhava dinheiro. Publicava edições lucrativas na Argentina, no Brasil, no Uruguai, em Portugal e em Angola. Mas ele entendia que sua principal missão jornalística e política era editar a revista semanal de informações *Noticias*, que considerava uma *Veja* argentina, e o jornal *Perfil*, com circulação aos sábados e aos domingos. Para dirigi-los, dava expedientes de até doze horas, de segunda-feira a sábado. Dizia que eram os momentos em que se sentia realmente feliz.

Nisso, como em várias outras coisas, achava-se parecido com Roberto Civita. Tinha idolatria por ele. Logo após sua morte, escreveria três artigos para homenageá-lo. Em um, chamou-o de “*mi héroe, mi maestro, mi mentor*”. Em outro, de “gênio” e de “maior editor ibero-americano de todos os tempos”. Frequentemente, percebia que imitava seu herói, mestre e mentor. Gostava de contar que, a exemplo dele, abria um sorriso de satisfação no momento em que, logo cedo, entrava no seu enorme escritório com móveis negros, uma biblioteca de 3 mil livros e uma estante-revisteira. Copiada da que conhecera na sala de Roberto — sala esta menor do que a dele —, servia para abrigar um exemplar de cada uma das cerca de quarenta revistas que estampavam o selo de editora que presidia, a Perfil. Em um ambiente anexo, havia uma longa mesa escura de reuniões com 24 cadeiras de espaldar alto.

Seu gabinete completo ocupava um andar inteiro de um prédio comercial no centro de Buenos Aires, a curta distância da Casa Rosada, sede do governo da Argentina. Ficavam naquela imensidão apenas ele e duas silenciosas secretárias. O prazer de Jorge Fontevécchia, além de trabalhar, era ler livros de filosofia, em especial do alemão Georg Friedrich Hegel (1770-1831). Julgava-se seu discípulo, um hegeliano. Seus outros interesses intelectuais abrangiam história e as teorias psicanalíticas de Freud e Lacan. Gostava de citar seus ensinamentos, em especial a relação que o francês Jacques Lacan fazia entre o hábito e o monge. Segundo Lacan, a pessoa vira monge ao vestir o hábito diariamente, nascendo daí uma sinergia entre sua função e sua persona. Com o austríaco Sigmund Freud, aprendeu que os criativos podem ser

malucos, porque têm passagem de ida e volta para a loucura. Dado que a obra é a sua terapia, eles estariam aptos a ser doidos e são ao mesmo tempo.

Era mais ou menos esse o discurso com que Fontevecchia surpreendia os que supunham estar diante apenas do homem discreto e atarefado escondido atrás das multicoloridas páginas em papel cuchê de *Caras*. O Carnaval teria alguma coisa a ver com tais teorias e divagações? Talvez, embora a relação fosse um tanto complicada para um argentino. Sem entrarem nessa elucubração, seus filhos Alan e Agustino — Bruna, a mais nova, permanecia estudando em Londres — insistiram para que o pai fosse com eles ao sambódromo. Alan era responsável pela área digital da própria *Caras* em São Paulo, e Agustino trabalhava em Nova York, na revista *Forbes*. Eles lhe contaram que iriam desfilar no Salgueiro.

Fontevecchia fora à Marquês de Sapucaí uma única vez, em 1993, pouco depois do lançamento da *Caras* no Brasil. A revista tinha como acionistas a Editorial Perfil, investidores brasileiros e a pessoa física de Roberto Civita. Em termos legais, portanto, não pertencia à Editora Abril, que porém era responsável por sua impressão e distribuição. Como tecnicamente não estava sob o guarda-chuva de sua empresa, Roberto achava que a publicação podia seguir o próprio modelo editorial, sem submeter-se às regras da separação entre Igreja e Estado.

Roberto Civita acompanhava a *Caras* à distância, sem interferir. Em vinte anos de sociedade, enviou para Edgardo Martolio, diretor da edição brasileira, se tanto, uma dúzia de bilhetinhos ou e-mails breves com elogios e três com críticas. Em um deles, comentou uma matéria feita durante o inverno no chamado Castelo de Caras, em Nova York (existiam também a Ilha de Caras, em Angra dos Reis, e outros cenários especialmente montados, para os quais eram levados artistas e convidados, que ali, às vezes ao lado de produtos com rótulos e embalagens visíveis, davam entrevistas e posavam para fotos). Nevava em Nova York naqueles dias. Como muitas vezes acontece no mundo das revistas, a matéria ficou engavetada e demorou várias semanas para sair. Quando afinal foi publicada, era primavera no hemisfério norte. “Que maravilha o Castelo de Caras!”, escreveu Roberto Civita para Mortolio logo que viu o número da revista. “Consegue ter neve mesmo quando ela já não cai.” Desde então, a pauta da *Caras* ficou mais atrelada às quatro estações.

Outra das contribuições de Roberto para a *Caras*, que Fontevecchia jamais esqueceria, tinha sido dada justamente naquele Carnaval de 1993. Numa situação que se repetiria vinte anos depois, ele não pretendia assistir ao desfile carioca. Nunca vira nenhum, nem pensava ver. Roberto convenceu-o a mudar de ideia. “Você tem que ver — e ao vivo”, afirmou pelo telefone com bastante ênfase, como costumava fazer quando queria convencer alguém a seguir seus conselhos. “Um desfile das escolas de samba vale por anos e anos de terapia.” Falou de forma tão persuasiva que Fontevecchia acatou a sugestão e voou às pressas para o Rio. Embora fosse domingo de Carnaval, ele estava no escritório. Saiu de lá diretamente para o Aeroporto de Ezeiza, sem tempo de passar em casa. Trajava sua combinação habitual, mesmo nos fins de semana em que trabalhava: terno escuro, camisa social e gravata. Ao descer no Galeão, entrou no carro que o aguardava e, no caminho, trocou a roupa absolutamente inadequada para a ocasião por uma camiseta com o logo da revista, mantendo a calça bem vincada e os lustrosos sapatos pretos com cadarço. Com essa vestimenta, percorreu a pé a Marquês de Sapucaí ao lado da já naquela altura veterana atriz italiana Gina Lollobrigida, contratada para fazer “fotos exclusivas” da festa. O sócio tinha razão. Foi, para ele, uma experiência inesquecível.

Agora, em 2013, finalmente rendido pela insistência dos filhos, resolveu que era hora de retribuir o convite. Ligou para Roberto e fez praticamente uma intimação para que fossem juntos ao camarote da *Caras* no sambódromo. Roberto tampouco era um carnavalesco. Vira não mais do que uns poucos desfiles, no sambódromo ou pela televisão. No primeiro momento, pensou em recusar. Não lhe faltava uma justificativa perfeita para ficar de molho em São Paulo no feriado prolongado. Segunda-feira à noite, iria se internar para ser submetido na manhã seguinte a um procedimento que considerava simples: a colocação de um *stent*, através da virilha, na sua dilatada aorta abdominal. Procurava não demonstrar qualquer preocupação. Como todo processo invasivo no corpo, porém, o procedimento oferecia um pequeno risco de complicações. Segundo a literatura médica, de 2%. Na sua habitual autoconfiança, com a convicção de que nada poderia dar errado para ele, Roberto calculou que repousaria durante a Quarta-Feira de Cinzas no Sírion-Libanês e na quinta voltaria não apenas para casa como para a Abril. Até agendara uma reunião nesse dia com o presidente executivo da editora, Jairo Mendes Leal.

Na semana anterior ao Carnaval, os dois haviam jantado juntos no Piselli, um restaurante de cozinha italiana no bairro paulistano dos Jardins. Tiveram uma extensa e proveitosa conversa. Era um momento difícil. Desde 2011 a Abril vinha enfrentando uma queda persistente na receita de publicidade. Roberto acreditava que era uma crise passageira e que as perdas nas revistas impressas seriam compensadas com o crescimento na área digital. O acesso aos sites realmente aumentou, mas sem atrair o esperado volume de anúncios. De qualquer modo, para ele seria um erro mexer na estrutura e no quadro de funcionários da editora para compensar os números no vermelho. Continuou apostando numa retomada. Quando começou a ficar claro que ela não viria tão cedo e a curva negativa permanecia empinando, acabou sendo convencido pelo presidente executivo do grupo, Fábio Barbosa, a considerar a aplicação de algumas medidas duras. Ficou de bater o martelo ainda em fevereiro, no mais tardar em março.

Jairo e Fábio — ambos eram tratados na empresa pelo primeiro nome — tinham uma relação conflituosa e uma disputa crescente pelo poder. Quando Fábio foi contratado, no final de 2011, deixando a presidência do Banco Santander, Jairo não escondeu sua frustração. Com uma carreira de quase quatro décadas na editora, na qual entrara como office boy aos dezesseis anos, ele havia alcançado a presidência da Abril Mídia, tornando-se o responsável por todas as publicações da casa. Houve então uma inesperada mudança de organograma. Jairo passou a responder a Fábio, que como presidente da Editora Abril teria sob sua responsabilidade o grupo inteiro, englobando tanto a Abril Mídia como a Abril Gráfica e a DGB (Logística e Distribuição). Mais tarde, o desenho e os nomes dos negócios se inverteriam, com a Abril Mídia ficando acima das demais operações, mas a nova hierarquia permaneceria de pé. Até a posse de Fábio, que, apesar de não ter qualquer experiência no universo editorial, assumiu com o respaldo e a confiança de Roberto, Jairo vinha se movimentando para ser, ele sim, o executivo número um do conglomerado. Nessa posição, se a alcançasse, responderia somente ao principal acionista.

Não foi o que aconteceu. Apesar disso, parecia haver uma possibilidade de reviravolta no horizonte. Enquanto compartilhavam uma segunda rodada de *grappa* ao final do jantar, Jairo percebeu sinais de possíveis mudanças. Ele sabia que uma característica da personalidade de Roberto era se apaixonar e se desapaixonar por pessoas com a mesma velocidade. Entusiasmava-se por de-

terminados profissionais e usava sua capacidade de sedução para contratá-los, muitas vezes com uma expectativa exagerada. Após algum tempo, vinha a inevitável decepção. Jairo concluiu que era o que poderia estar ocorrendo sobre o apego de Roberto por Fábio, ao interpretar uma frase que ouviu antes de ser pedida a conta do jantar: “Os dois que sabem tocar esta empresa para a frente somos eu e você”. No rosto emoldurado por uma barba levemente grisalha, Jairo segurou o sorriso. Continuando a conversa, Roberto insinuou que sentia falta do espaço que cedera a Fábio e demonstrou vontade de reassumir algumas das funções decisórias que havia delegado. Mas não lhe repassou uma informação importante. Duas semanas antes, durante uma reunião, Fábio afirmara a Roberto que não poderia continuar trabalhando com Jairo, pois achava que este queria ocupar seu espaço e não via mais nenhuma possibilidade de composição. Roberto deixou registradas as palavras que ouviu de Fábio: “Ou ele ou eu”. Sua tendência em um conflito como esse, ou diante da necessidade de tomar uma decisão difícil, era empurrar o assunto para depois. Foi o que fez. Tanto que falou para Jairo de um plano que tinha na cabeça: “Quero que você faça uma viagem para ver o que está acontecendo nas grandes editoras. Investigue as novidades e as tendências na área digital. Temos um tsunami pela frente, mas há alternativas”. Jairo concordou com a última observação. “Também acho. Nosso conteúdo é muito forte e a internet vai abrir uma avenida de crescimento para a gente. O dinheiro não vem no primeiro momento, mas aparece lá na frente. Precisamos superar esse tranco e buscar os resultados.” Roberto lhe deu a impressão de ter gostado do que ouviu. “Vamos continuar a conversa na quinta-feira”, anunciou, anotando o compromisso em uma folha de papel que tirou do bolso. Só nesse momento falou da cirurgia. “Na quarta estarei em casa”, previu. “Eu estou bem, com muita vontade de tocar a vida, e me sinto com 56 anos de idade”, disse.

Na verdade, Jairo já sabia da internação, pois Roberta Anamaria tinha lhe contado. Ele e a única filha de Roberto haviam começado a namorar em 2005, logo depois de se conhecerem, e dois anos depois acertaram um acordo de união estável. Estabeleceram entre si que cada um continuaria morando na própria casa, encontrando-se quase todos os dias, e ficariam sob o mesmo teto nos finais de semana. Ambos vinham de casamentos desfeitos. Preocupados em evitar inevitáveis maledicências, jamais estiveram juntos nos habituais eventos da Abril, aos quais ele, um homem normalmente reservado, compare-

cia sozinho. Mantinham discrição sobre o relacionamento. Não apareciam em colunas sociais, muito menos na *Caras*. Até nos corredores da Abril — povoados de funcionários curiosos por natureza — a princípio existiam sobre o casal mais mexericos do que informações. A ponto de Fábio Barbosa só ter descoberto vários dias após se instalar no 23º andar do Novo Edifício Abril (NEA), sede da empresa, que seu mais importante subordinado direto era genro do patrão de ambos.

Na saída do Piselli, Roberto ainda lamentou que Jairo e Roberta não pudessem acompanhá-lo no sambódromo. Viajou então para o Rio na companhia apenas de sua mulher, Maria Antônia Magalhães Civita. Na cidade, se juntariam aos casais Fontevecchia, Martolio e Thomaz Souto Corrêa. Seu amigo e braço direito de mais de quatro décadas, tratado internamente por TSC, Thomaz tinha dois anos a menos que Roberto. Fora vice-presidente da empresa e seu principal executivo até se afastar da operação em 2003, quando trocou os ternos azuis ou bege, as camisas com colarinho de modelo italiano e os grandes nós de gravata por blazers e roupas casuais. Virou consultor e conselheiro da Abril sem deixar sua vasta sala retangular do 26º andar, cujo acesso exigia uma baldeação de elevador. Era a única do prédio, incluindo a de Roberto, capaz de rivalizar em tamanho com a de Fontevecchia em Buenos Aires. Ele dizia que precisava dela, onde dava expediente três vezes por semana, para ministrar seus cursos, palestras e sessões de crítica das revistas da editora, com uma média de doze participantes.

Roberto embarcou no fim da tarde de sábado. Domingo à noite, 10 de fevereiro, foi jantar no refinado restaurante português Antiquarius, no Leblon, com a mulher e as seis outras pessoas do grupo. De lá, seguiram em uma van para o sambódromo. Na segunda-feira, às 13h15, Roberto e Maria Antônia regressaram a São Paulo pela TAM, no que seria o último das centenas de voos que fez na vida, a tempo de almoçarem perto de casa, no Rufino's, onde dividiram, como sempre faziam quando iam a esse restaurante, um peixe assado. Embora pudesse não ser recomendável por causa da internação prevista para algumas horas mais tarde, tomaram uma garrafa de vinho branco italiano. Roberto, que bebia vinho todos os dias, no almoço e no jantar, não via razões para quebrar a rotina. Foram seus prazeres finais antes do calvário de 104 dias no hospital. Ele gostava de coincidências e se intrigava com as que lhe pareciam inexplicáveis. A última delas foi que um desfile de escolas de samba seria

seu derradeiro compromisso social. Sessenta e três anos antes, chegara ao Brasil pela primeira vez, com a mãe e o irmão, ao encontro do seu destino. Os três desembarcaram de navio no cais da praça Mauá, na então capital da República, onde o pai os aguardava. Foram diretamente para o Hotel Glória, a aproximadamente três quilômetros de distância. A mãe deixou no apartamento reservado sua volumosa bagagem, pois levava todas as roupas que tinha — as dos meninos ficaram no navio, onde pernoitariam —, e encontraram um casal de amigos, que os levou à avenida Presidente Vargas, no centro da cidade.

Robert Frank Civita — era assim que seu nome aparecia no passaporte americano — estava com treze anos. Jamais esqueceria o espetáculo que o deslumbrou, mesmo sem entender aquelas músicas, aquela barulheira, aquelas fantasias e aqueles jatos gelados de lança-perfume que o deixaram meio tonto e ligeiramente eufórico. Era domingo de Carnaval, como em 2013.